

**Experiências de juventudes do
Nordeste na luta por direitos**

**CÁ
ENTRE
NÓS**



Expediente

Direito de Edição, Publicação e Distribuição: Coordenadoria Ecumênica de Serviço – CESE

Nome da publicação: CÁ ENTRE NÓS! Experiências de Juventudes do Nordeste na Luta por Direitos

Ano da publicação: 2023

Conselho Editorial: Marcella Gomez e Vanessa Pugliese

Texto: Luciana Pinto - Reivento Criatividade em Gestão Social

Apoio na sistematização: Iara Moreira Mota

Projeto gráfico e diagramação: Gabrielle Sodré

Ilustrações: Ani Ganzala (capa e págs. 7, 8, 12, 22 e 90), Coletivo Trama (capa e folha de rosto) e Gabrielle Sodré (demais ilustrações)

Experiências de juventudes do Nordeste na luta por direitos



A **CESE** é uma organização ecumênica, da sociedade civil, sem fins lucrativos, formada por igrejas cristãs e apoiada por **Brot FueDie Wel** (Pão para o Mundo), **DKA Austria / Dreikönigsaktion - Hilfswerk der Katholischen Jungschar, Misereor, Fundação Ford, HEKS –EPER** (Serviço de Igrejas Protestantes da Suíça), Ministério das Relações Exteriores/Países Baixos, Fundação Wilde Ganzen, União Europeia e Instituto Ibirapitanga.

Esta publicação é parte do Projeto “Juventudes em diálogo: conexão campo-cidade e fortalecimento de organizações de juventude em suas lutas por direitos no Nordeste do Brasil” com apoio financeiro de DKA Austria / Dreikönigsaktion - Hilfswerk der Katholischen Jungschar e do projeto “Cuidando da Casa Comum, construindo o Bem Viver” com apoio financeiro de Pão para o Mundo / Brot für die Welt.

As ilustrações de Ani Ganzala utilizadas nessa publicação foram elaboradas durante a realização do Encontro Cá Entre Nós, em maio/junho de 2023, em Salvador-BA. A ilustração “Cá Entre Nós” utilizada na capa foi criada pelo Coletivo Trama especialmente para o referido Encontro.



Coordenadoria Ecumênica de Serviço – CESE

Rua da Graça, 164 – Graça – Salvador/BA

Saiba mais em:

cese.org.br | cese@cese.org.br | @cesedireitos

Sumário

Para começo de conversa: apresentando a teia 8

De que cenário estamos falando? Reflexões e diálogos sobre a conjuntura 13

Jogando o corpo no mundo! As experiências das juventudes e seus coletivos 22

Temos nossos meios e linguagens - A experiência das Juventudes da Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo – Apoinme 24

Juventude que ousa lutar, constrói o poder popular - A experiência do Coletivo de Jovens da Região CUC - Curaçá, Uauá e Canudos 28

Vozes da agroecologia - A experiência da Juventude do Coletivo Regional das Organizações da Agricultura Familiar do Cariri, Seridó e Curimataú Paraibano 32

Cuidar da terra e da natureza também é autocuidado - A experiência do Coletivo Agentes Agroflorestais Quilombolas – AAQ 38

Para mostrar a força da comunicação popular - A experiência do Coletivo Força Tururu 42

É preciso racializar o debate - A experiência do Coletivo Incomode 48

Nosso corpo é político - A experiência da Rede Protagonistas em Ação da Península de Itapagipe – REPROTAI 54

Desafios da juventude cristã: não é tudo a mesma coisa - A experiência do Fórum de Juventude da Aliança Batista	58
Ubuntu! Eu sou porque nós somos - A experiência da Juventude de Terreiro da Renafro	62
Uma sobe e puxa a outra! - A experiência da Articulação Nacional de Negras Jovens Feministas – ANJF	66
As Juventudes são diversas - A experiência da Juventude do Movimento Espírito Lilás – MEL	70
Existem espaços e vivências que nos fortalecem - A experiência do Fórum de Juventude do Grande Bom Jardim	74
Reconhecendo o valor de quem veio antes - A experiência da Juventude da Teia dos Povos da Bahia	78
Território das águas! - A experiência da Articulação da Juventude Pesqueira da Bahia	82
Ocupar espaços de decisão é urgente! - A experiência do Fórum de Juventudes de Pernambuco – Fojupe	86
Essa ciranda é coletiva!	90



Para começo de conversa: apresentando a teia



De maneira plural e criativa, em diferentes territórios do Nordeste brasileiro, juventudes do campo e da cidade vêm historicamente protagonizando lutas por direitos e tecendo novas narrativas de atuação na defesa do bem viver.

São movimentos potentes e diversos partilhando reflexões de mundo, boas práticas e formas organizativas para a defesa de direitos, contribuindo para a democratização da sociedade e que, em sua atuação, enfrentam cenários de graves violências, em especial de classe, gênero e raça, além de desigualdades regionais.

Apesar desse contexto, as juventudes nordestinas seguem afirmando sua autonomia e estabelecendo pontes que ampliam suas capacidades coletivas de contribuir para a transformação da realidade. Para isso, entrelaçam diversas estratégias, por exemplo, ações de educação popular, defesa de territórios tradicionais e seus modos de vida, experiências produtivas agroecológicas, atividades de comunicação, arte e cultura, debates sobre gênero e raça, incidência em políticas públicas, combate a fundamentalismos religiosos e injustiças socioambientais, participação em espaços de decisão.

Assim, o chamado “Cá entre nós!” reverbera como convite às juventudes para partilharem suas diversidades e saberes. Nessa publicação podemos visibilizar um pequeno, mas importante, recorte de algumas dessas experiências: colorido retalho que compõem o vasto tecido de diferentes tramas e texturas das lutas por direitos dos movimentos de juventude. Compartilhamos diferentes formas de atuação, conquistas e desafios de 15 organizações que participaram do Encontro “Cá entre Nós: diálogos com juventudes

do Nordeste na defesa de direitos”, realizado em 2023 na cidade de Salvador-Bahia, reunindo juventudes camponesas, indígenas, pesqueiras, quilombolas, de fundo e fecho de pasto, moradores/as de periferias urbanas, jovens mulheres, juventude negra, LGBTQIA+ e de diferentes expressões de fé.

A atividade faz parte do projeto “Juventudes em diálogo: conexão campo-cidade e fortalecimento de organizações de juventude em suas lutas por direitos no Nordeste do Brasil”, iniciativa desenvolvida pela CESE com apoio de DKA Áustria (Dreikönigsaktion - Hilfswerk der Katholischen Jungschar) e com a colaboração da agência Pão para o Mundo (Brot für die Wel). A metodologia utilizada na presente sistematização envolveu interlocuções diretas com as juventudes no referido encontro, bem como coleta de informações através de instrumentos como questionários virtuais e do acesso a dados públicos.

Nessa teia de saberes, onde a CESE completa 50 anos de muitos aprendizados, esperamos que os fios das experiências narradas nessa publicação possam contribuir para ampliar a visibilidade das lutas, inspirar outros coletivos, além de provocar reflexões sobre a importância do apoio a organizações de juventude em sua caminhada na defesa de direitos.

Coordenadoria Ecumênica de Serviço – CESE.

De que cenário estamos falando?



Reflexões e diálogos sobre a conjuntura

FALAR SOBRE A CONJUNTURA É FALAR SOBRE A VIDA EM SOCIEDADE! Isso quer

dizer: pensar de maneira coletiva e conectada, compartilhando dados e informações sobre os diferentes contextos, que permitem uma leitura mais ampla do cenário social e político de um país, região ou território.

A reflexão aqui elaborada interage com experiências ligadas às realidades e lutas das juventudes, estimulando que estas sejam pensadas em diálogo com seus cotidianos e com dados mais amplos já sistematizados por outras fontes de pesquisa e reflexão.

Os últimos anos foram marcados, para o povo brasileiro e, especialmente, o povo nordestino, por uma agonizante crise econômica, social e política, que contribuiu para que se agravasse o já crescente empobrecimento da população, em especial nas regiões Norte e Nordeste do país, afetando de maneira ainda mais intensa as populações negras, pobres e indígenas.

O período foi de grandes retrocessos na agenda dos direitos humanos, ataques à democracia, disseminação de discursos de ódio, propagação de notícias falsas (fake news), avanço do conservadorismo na sociedade, aumento da violência política e da criminalização de movimentos sociais, perda de espaços de participação. Desigualdades ainda mais aprofundadas pela pandemia de Covid-19 e perpassada pelo negacionismo. Apesar do cenário adverso, destacaram-se iniciativas de mobilização e articulação da sociedade civil para a defesa de direitos.

A REGIÃO NORDESTE É UMA DAS ÁREAS MAIS VULNERÁVEIS DO PAÍS, COM HISTÓRICAS VIOLAÇÕES DE DIREITOS E DIFICULDADES DE ACESSO A POLÍTICAS PÚBLICAS E RECURSOS. A região tem uma população de 54,6 milhões de pessoas, de acordo com o IBGE, sendo a segunda região mais populosa e com mais estados no país, com cerca de 60% concentrada nas regiões litorâneas e principais centros urbanos e aproximadamente 40% vivendo em municípios do interior, inclusive nas regiões semiáridas.

Do ponto de vista da autodeclaração étnico-racial, o Nordeste possui uma população negra formada por **74,5%** dos habitantes da região, somatório das pessoas autodeclaradas pretas e pardas, conforme IBGE.

Nesse cenário nacional, situamos os sujeitos centrais nesta reflexão: as juventudes. Esta parcela da população, a partir de suas realidades, têm levantado perguntas como: Quem são as juventudes brasileiras? Como as juventudes nordestinas se destacam? Em que lugares elas estão? Quem pode ser jovem no Brasil e no Nordeste?

Para falar da população jovem é importante compreender que as juventudes são plurais e atravessam múltiplas identidades. Entre elas: raça e etnia, gênero, sexualidade, classe, território, situação de deficiência, diferentes expressões religiosas e culturais.

Jovens entre 15 e 29 anos correspondem a 23% da população brasileira, somando mais de 47 milhões de pessoas, aproximadamente $\frac{1}{4}$ da população, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), refletindo a maior geração desse segmento na história no país.

ENTRE AS MACRORREGIÕES DO PAÍS, AS REGIÕES NORTE E NORDESTE CONTAM COM UMA MAIOR PROPORÇÃO DE JOVENS. A maioria da juventude brasileira se autodeclara como negra, totalizando 61% desse segmento, o que corresponde à soma de jovens pardos e pretos, segundo o Atlas das Juventudes.

Do total de jovens do país, cerca de 11 milhões não tiveram oportunidades de estar na escola, de acessar oportunidades de trabalho, ou estão expostos a trabalho informal e precário. Deste total, 48% estão entre as regiões Norte e Nordeste.

Mesmo que os dados acima tragam pontos importantes sobre as condições de vida das juventudes, é preciso considerar que elas, sobretudo àquelas que vêm de camadas populares, estão em movimento. Em centros urbanos ou no campo, seguem buscando melhores formas de viver em muitas dinâmicas diferentes, que vão desde os esforços por geração de renda até o engajamento em lutas pela preservação da vida.

Nas capitais e grandes cidades é comum ver jovens atuando, por exemplo, como entregadores/as por aplicativos. Trabalho que ampliou sua expansão durante a pandemia, mas que se instaurou como uma cultura sobretudo nos centros urbanos. Um trabalho que se dá em condições perigosas e insalubres, e às vezes driblando limites etários estabelecidos para o trabalho no Brasil¹. Ao mesmo tempo, esta juventude periférica também grita contra o genocídio das juventudes negras como um dos temas mais preocupantes da atualidade, principalmente em grandes capitais. Já nas áreas rurais, à medida em que jovens locais plantam e colhem, também debatem formas de permanecer em seus territórios com dignidade, para que no futuro processos de saída do campo sejam frutos de escolhas conscientes, e não da falta de opção.

¹ Encontra-se em trâmite na Câmara dos Deputados o Projeto de Lei 807/2022, que estabelece medidas de prevenção e combate ao trabalho infantil em empresas de aplicativos de entregas ou transporte.

Os desafios que as juventudes enfrentam no Brasil e no Nordeste não param! No contexto da educação, pelo menos 2 milhões de estudantes entre 11 e 19 anos deixaram a escola no Brasil².

A fragilidade, ou por vezes ausência, de políticas públicas para as juventudes, sobretudo de educação, trabalho e geração de renda, é um dos inúmeros fatores que contribui para o aumento dos índices de violências.

O crime de racismo no Brasil continua sendo grave e preocupante. Denúncia constante pelas juventudes negras, a prática do racismo ganha novos contornos atualmente, especialmente, quando está em intersecção com outras identidades, como no caso, por exemplo, da violência contra comunidades e defensores/as de direitos humanos quilombolas e de religiões de matriz africana.

Igualmente preocupante são estatísticas ligadas a assassinatos contra pessoas LGBTQIA+. O Brasil continua sendo o país onde mais essa população é assassinada no mundo. Foram 273 mortes violentas, 228 assassinatos, além de 30 suicídios e 15 outras causas registradas³. Segundo esta mesma fonte, o Nordeste continua sendo a região mais insegura para a população LGBTQIA+, concentrando 118 das mortes violentas, sendo o Ceará o estado que concentra nacionalmente o maior número de vítimas.

Os dados mencionados até aqui permitem constatar o óbvio, que nem todas as juventudes podem viver com dignidade e acesso a direitos. É possível perceber o quanto as problemáticas que as afetam e que pautam suas lutas são diversas, chamando a atenção para a necessidade e o direito de viver esta fase da vida em condições adequadas: aprendendo, sentindo, escolhendo, se divertindo.

² Educação brasileira em 2022 – a voz de adolescentes, Unicef, 2022.

³ Dados do Observatório de Mortes e Violências LGBTI+ no Brasil, 2022.

É comum encontrar jovens que têm seu tempo negligenciado e não conseguem projetar suas vidas e experimentar descobertas com menos preocupações. Frequentemente eles e elas assumem responsabilidades adultas, necessárias à sua sobrevivência ou de outras pessoas. Esta exigência contribui para o abandono dos estudos; para que assumam maternidade/paternidade com pouco ou nenhum suporte; para sobrecargas em dinâmicas domésticas; ou mesmo ingressem mais cedo e com pouca qualificação em um mercado de trabalho exigente e precário.

No caminho contrário à demanda das juventudes por educação, qualificação profissional e acesso a oportunidades dignas de trabalho, o Brasil encerrou o primeiro semestre de 2022 com 10,1 milhões de desempregados, e pelo menos três milhões tentando se recolocar no mercado desde 2020. Embora o desemprego tenha recuado para 9,3% em junho/2022, o número de trabalhadores/as informais é recorde. Quando olhamos para o Nordeste, a taxa de desemprego na região é de 12,2%, tendo os estados de Bahia 14,4% e Pernambuco 14,1%, consideradas as piores taxas de desemprego da região, entre pessoas que permanecem em busca de trabalho⁴.

Quando avançamos a reflexão para a situação de trabalho infantil os dados mais recentes, mostraram que 1,8 milhão de crianças e jovens entre 5 e 17 anos estavam em situação de trabalho infantil no país desde antes da pandemia de Covid-19⁵. Desses, 66,4% eram do sexo masculino e 33,6% do feminino. A maior concentração de trabalho infantil está na faixa etária entre 14 e 17 anos, representando 78,7% do total, de acordo com o Mapa do Trabalho Infantil. O percentual de pessoas pretas ou pardas era de 66,1% e o número de brancas de 32,8%. Havia 706 mil pessoas em ocupações consideradas piores formas de trabalho infantil.

⁴ Pesquisa Nacional de Amostragem por Domicílio – PNAD/IBGE

⁵ PNAD/IBGE

“Nossos corpos são políticos: há uma criminalização das periferias, dos territórios e dos corpos, principalmente de pessoas negras”.

O debate sobre a criminalização da juventude negra convoca para diversos diálogos e reflexões que não se encerram aqui, mas que precisam ser assinalados, uma vez que um dos preocupantes dados de violência são as mortes provocadas por intervenções policiais. Entre 2021 e 2022, 99,2% das vítimas fatais neste contexto foram jovens do sexo masculino. Destes, 52,4% tinham até 24 anos, percentual que aumenta para 74% se ampliamos a faixa etária para até 29 anos. Quando acessamos estados do Nordeste, segundo dados do Mapa da Violência, na Bahia, nos últimos 10 anos, o índice de homicídios mais que triplicaram, sendo a Bahia um dos estados mais violentos do Brasil. Para as juventudes, a chamada guerra às drogas, tornou-se uma narrativa que pode legitimar a violência nas periferias. Uma questão de segurança pública, que implica também em pensar sobre como preservar vidas, sobretudo quando falamos de crianças, adolescentes e juventude negra.

Essa criminalização dos corpos tanto se apresenta a partir da violência praticada em periferias urbanas, quanto também a partir de conflitos por terras em áreas rurais. A volta do Brasil ao Mapa da Fome/ONU do Programa Mundial de Alimentos, em 2021, chegando à taxa de 9% da população enfrentando grave insegurança alimentar, associada ao agronegócio e à construção de megaprojetos (como os parques eólicos próximos a comunidades produtivas e tradicionais), no olhar das juventudes, informam que esse desenvolvimento não lhes pertence, entre outros fatores por se tratarem de iniciativas que desconsideram saberes locais capazes de promover o bem viver das populações.

Quando olhamos a violência no que afeta meninas e mulheres, os casos de violência doméstica passaram de 18.180 vítimas entre 0 a 17 anos em 2020 para 18.461 em 2021. O maior índice foi entre meninas e jovens mulheres entre 15 e 17 anos, frequentemente agredidas por parceiros, pais ou padrastos. Já o crime de estupro de vulnerável correspondeu a 75,5% de todos os casos de estupro no Brasil, em 2021. Crianças até 13 anos representam 60% das vítimas. Considerando o total de casos entre crianças e adolescentes, foram pelo menos 45.076 vítimas de estupro em 2021, A taxa cresceu 2,3% entre 2020 e 2021. Em contraposição, durante o Governo Federal anterior, o orçamento de combate à violência contra a mulher foi reduzido em 90%, se comparado a 2020⁶.

Nos últimos dois anos, 2.695 mulheres foram mortas, 1.354 em 2020 e 1.341 em 2021. Apesar desta redução aumentaram em de 3,3% os registros de ameaça, e 0,6% de lesões corporais dolosas. Os registros de assédio e importunação sexual cresceram 6,6% e 17,8%, respectivamente.

Todo o cenário da violência contribui para o aumento dos casos de adoecimento psíquico entre adolescentes e jovens, o que é reforçado pelos efeitos da pandemia e da crise econômica. Foi crescente o número de suicídio neste público. Entre 2016 e 2021 a taxa de mortalidade relacionada ao suicídio aumentou 45% na faixa de 10 a 14 anos e 49,3% na população entre 15 a 19 anos, com maior expressão entre adolescentes do gênero feminino⁷.

Nas zonas rurais, dados apontam que entre 2016 e 2022 ocorreram 273 assassinatos ligados a conflitos⁸. Crianças e adolescentes também se tornaram foco destas violências: de 2019 a 2022, sete crianças e adolescentes (quatro indígenas) foram mortas no campo. Quando mencionamos a realidade

⁶ <https://www.hrw.org/pt/world-report/2023/country-chapters/brazil>

⁷ Dados do Sistema de Informação Sobre Mortalidade do Ministério da Saúde. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/10/ministerio-da-saude-ve-aumento-preocupante-de-suicidios-de-jovens-em-5-anos.shtml>

⁸ Dados da Comissão Pastoral da Terra.

das populações do campo, estas, sobretudo as juventudes, também sofrem com outras problemáticas, dentre elas, a recente desestruturação das políticas para a agricultura familiar. Destaca-se ainda a flexibilização da legislação ambiental, que afeta em especial populações tradicionais, contribuindo, por exemplo, para um aumento na perda da biodiversidade, crescimento do agronegócio, ampliação da autorização de novos agrotóxicos.

“E na hora de agir, temos nossos meios e linguagens”

Como já demonstrado, o aumento das desigualdades sociais e o período da pandemia de Covid-19 trouxeram enorme impacto sobre as juventudes, piorando condições de geração de renda, de segurança alimentar, de educação e dificultando as possibilidades de organização para a defesa de direitos.

Por outro lado, se ampliaram coletivos juvenis, trazendo novas expressões de resistência. Muitos destes coletivos são informais, de pequeno porte, recém constituídos e, às vezes, com fragilidades institucionais e dificuldades de acesso a recursos.

Ainda assim, apresentam criatividade suficiente para buscar respostas, atuando, seja no campo da micropolítica ou da incidência mais ampla, através de práticas de comunicação popular, expressões artísticas, formações, ações solidárias, reinventando formas de atuar na defesa dos direitos.

Mesmo com um cenário desafiador para as juventudes, que vem sofrendo com dificuldades para fortalecer seus processos participativos, as juventudes sabem fazer valer suas estratégias de lutas, a partir das iniciativas promovidas por coletivos juvenis, entidades associativas, grêmios estudantis, entre outros grupos capitaneados por jovens, a exemplo das experiências que estão apresentadas nesta publicação, e que remetem a tantas outras espalhadas pelo Nordeste e pelo Brasil.

Jogando o corpo no mundo! As experiências das juventudes e seus coletivos





Temos nossos meios e linguagens

A experiência das Juventudes da Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo – Apoinme

*“Todo o debate sobre políticas sociais é feito com nossos ancestrais, nossos mais velhos.”
Gabriele Oliveira Pankararu, Juventude da Apoinme*

A Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo - Apoinme é uma organização indígena da sociedade civil, de abrangência regional e sem fins lucrativos. Foi fundada por ocasião do 1º Encontro de articulação de povos indígenas da região Leste e Nordeste do país, realizado em maio de 1990, na Terra Indígena do Pataxó Hãhãhãe, em Itabuna, Bahia. A atuação da Apoinme abrange 10 estados, sendo oito no Nordeste, além de Minas Gerais e Espírito Santo, no Sudeste do país. Sua ação alcança 77 territórios indígenas reconhecidos e conta com a participação de 70 povos indígenas.

No que se refere à temática das juventudes, inicialmente, esta população tinha suas demandas inseridas na Coordenação de Mulheres da Articulação, e tratadas de forma conjunta com suas pautas. Hoje esse processo já evoluiu, e há um reconhecimento da importância das e dos jovens na luta por direitos. Nesse sentido, se criou uma Coordenação das Juventudes, para tratar suas especificidades com autonomia, ao mesmo tempo em que as juventudes podem participar e contribuir com outros ambientes políticos e sociais da APOINME.

A COORDENAÇÃO DE JUVENTUDES GANHOU FORÇA NA PRIMEIRA ASSEMBLEIA DAS JUVENTUDES, QUE OCORREU EM 2022. Nesta ocasião foi elaborado um Plano de Ação para os próximos quatro anos, e que está em execução, inclusive tendo sido compartilhado com outras e outros jovens que integram Terras e povos indígenas acompanhados pela APOINME, por ocasião da realização do Acampamento Terra Livre – ATL.

A juventude indígena da APOINME, a partir dos debates e deliberações encaminhados em sua coordenação, participa de importantes espaços de articulação tanto nacionais, voltados, por

exemplo, para o direito à educação, à assistência educacional, quanto espaços internacionais, onde, geralmente, são discutidas questões globais ligadas aos Direitos Humanos. Existem jovens lideranças que representam a APOINME e também a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil - APIB nas discussões de mudanças climáticas, nos debates de **Abiayala**⁹, interagindo com povos indígenas da América Latina. A coordenação de juventudes, por sua vez, tem participação direta na rede de povos e comunidades tradicionais do Brasil, onde se discutem políticas públicas e sociais para estas populações.

As juventudes costumam se comunicar entre si e também com lideranças adultas através de telefone e principalmente por *WhatsApp*, bem como a partir das atividades presenciais que são planejadas. Para o público externo, as informações sobre as iniciativas das juventudes podem ser encontradas no site ou nas redes sociais da APOINME.

CÁ ENTRE NÓS!

A força da cultura indígena marca a forma de organização destas juventudes, que valorizam a intergeracionalidade, a partir do sentimento de pertencimento aos seus povos de origem. A juventude da APOINME destaca a autonomia conquistada para assegurar seus espaços de interação, sem perder a possibilidade de influenciar em busca de soluções para outras problemáticas, como as mudanças climáticas.

⁹ Abiayala: Abya Yala na língua do povo Kuna significa "Terra madura", "Terra Viva" ou "Terra em florescimento" e é sinônimo de América. O povo Kuna é originário da Serra Nevada no norte da Colômbia tendo habitado a região do Golfo de Urabá e das montanhas de Darien e vive atualmente na costa caribenha do Panamá na Comarca de Kuna Yala (San Blas), esta palavra dá nome a um importante fórum de discussão dos povos originários da América Latina, onde se conta com a representação de uma jovem que integra a coordenação de juventudes da APOINME.

Para saber mais sobre esta experiência, clique e visite:

[Site - APOINME](#)

[Facebook](#)

[Instagram](#)

[Youtube](#)

Juventude que ousa lutar, constrói o poder popular

**A experiência do Coletivo de Jovens da Região
CUC - Curaçá, Uauá e Canudos**



“É uma experiência incrível falar sobre nossas comunidades e saber da importância de estarmos em espaços de participação como esse, que vão nos trazer muitos conhecimentos”.

Mariana Oliveira Mota, Coletivo de Jovens CUC

O Coletivo de Jovens Jovens da Região CUC - de Curaçá, Uauá e Canudos, foi criado na cidade de Uauá, semiárido baiano, com a missão de fortalecer as juventudes que fazem parte das comunidades camponesas destes municípios. Para isso, conta atualmente com a participação de cerca de 100 pessoas, e realiza várias atividades formativas, de intercâmbios temáticos diversos, o que foi garantido de forma virtual também durante a pandemia da Covid-19.

Este coletivo já realizou importantes atividades, como intercâmbios, seminários, gincanas, entre outras ações integradoras. O seu primeiro seminário, realizado em 2020, em Uauá, teve como objetivo central estimular a participação juvenil na vida comunitária em seus territórios, e contou com a participação de aproximadamente 50 jovens. Com atividades como esta, a intenção é fortalecer e inserir jovens em diferentes espaços de participação, tais como: grupo de jovens, associações de moradores, grupos de estudos, grupos de leitura etc. O coletivo acredita que é necessário estimular o protagonismo das juventudes, discutir a realidade e os problemas das comunidades e ter um olhar crítico.

É FUNDAMENTAL PARA O COLETIVO DE JOVENS CUC PROMOVER OPORTUNIDADES PARA QUE AS JUVENTUDES SAIBAM QUAL O SEU PAPEL DIANTE DA POLÍTICA (SEJA NO DEBATE DAS POLÍTICAS PÚBLICAS, SEJA NO QUE SE REFERE À POLÍTICA PARTIDÁRIA E/OU ELEITORAL). É preciso saber se o contexto político leva em consideração as necessidades da população juvenil e de suas problemáticas ou se trata de iniciativas que vêm de forma vertical, de cima para baixo, seguindo modelos conservadores.

A mobilização para ampliar a participação é feita de maneira bem direta, num convite a outros jovens, a partir das próprias relações estabelecidas localmente. Nesse sentido, a lógica do diálogo entre pares – de jovens para jovens – é muito eficiente, pois permite que o interesse surja a partir da experiência de quem está participando ou já atuou. Os jovens que já ocupam espaços de liderança são espelhos e exemplos para quem ainda não se aproximou.

A falta de recursos remete à dificuldade para a dinâmica das atividades ocorrer de maneira mais cotidiana, ou para assegurar uma participação mais sistemática. As atividades poderiam ter uma qualidade ainda melhor, se houvesse um investimento material e financeiro que apostasse no potencial das juventudes. Esse desafio, porém, não se contrapõe ao reconhecimento do suporte que existe por parte de diversas organizações e movimentos sociais, que muitas vezes, até mesmo sem recursos orçamentários disponíveis, fortalecem o Coletivo de Juventudes CUC do ponto de vista político, metodológico ou informativo.

Em suas estratégias, em 2020 o Coletivo de Juventudes CUC lançou um jornal comunitário que se chama “Folha de Aroeira” fruto de diversos encontros e diálogos com a comunidade de fundo de pasto de Lajes do Aroeira, e foi resultado das ações de educomunicação desenvolvida com o apoio de entidades da sociedade civil locais. O Coletivo segue ainda buscando interagir com as mais diversas pautas relacionadas aos territórios onde atuam, neste sentido, tentam garantir participação em ações de mobilização e de incidência política. Foi nessa perspectiva que assinaram, no mesmo ano, a carta denúncia “mineração e pandemia: essencial é a vida”, junto com várias instituições e movimentos sociais, fortalecendo a legitimidade de sua articulação no território.

Em 2021 o Coletivo de Juventudes CUC também participou, junto com mais de 70 organizações, de mobilizações sobre

um assunto bastante preocupante para a região, e para outras áreas rurais no Nordeste, os complexos eólicos de produção de energia, que são construídos geralmente muito próximos a áreas residenciais, causando danos à saúde da população, além de prejudicar o desenvolvimento orgânico do meio ambiente e a produção alimentar, colocando em risco o modo de vida das comunidades locais. Nesta oportunidade também foi assinada uma [carta pública](#), denunciando a problemática.

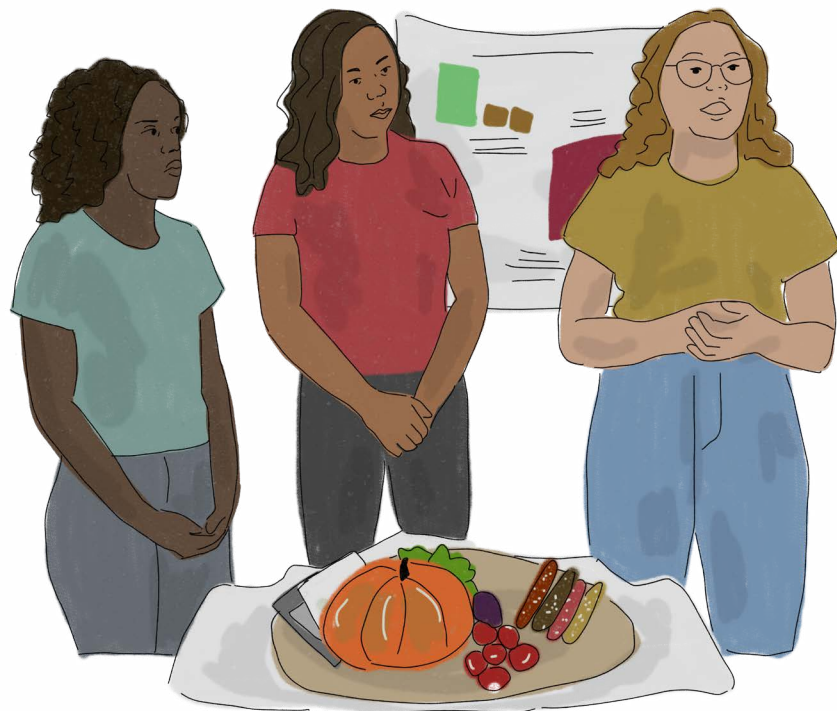
O coletivo usa as ferramentas digitais como aliadas à sua comunicação. Internamente ainda entende que os aplicativos de mensagens, como o WhatsApp, são os mais democráticos para a comunicação do grupo. Mas também visibilizam suas práticas através das redes sociais, que também permitem interação com um público mais amplo, disponibilizando suas atividades e experiências para a opinião pública em geral.

CÁ ENTRE NÓS!

O Coletivo de Juventudes CUC mostra um amadurecimento crescente na preocupação com as políticas públicas e com as problemáticas locais ligadas aos macro empreendimentos, que já lhes favorece ao mesmo tempo interagir com a dimensão intergeracional, participando com legitimidade de iniciativas organizadas por movimentos sociais e organizações da sociedade civil já consolidadas, sem perder as especificidades do trabalho de fortalecimento das juventudes e adotando linguagens que permitem a interação entre pares, em trocas horizontais e que são plenas de sentido para seu crescimento.

Para saber mais sobre esta experiência, clique e visite:

[Facebook](#)
[Instagram](#)



Vozes da agroecologia

A experiência da Juventude do Coletivo Regional das Organizações da Agricultura Familiar do Cariri, Seridó e Curimataú Paraibano

“Cresci vendo as mudanças acontecerem no nosso sítio a partir da participação social, do apoio das organizações da sociedade civil e chegada de políticas públicas que ampliou e fortaleceu o trabalho, não somente junto à minha família, mas em toda a comunidade”
Petrúcia Nunes, Juventude do Coletivo Regional

O Coletivo Regional das Organizações da Agricultura Familiar do Cariri, Seridó e Curimataú Paraibano é uma rede de agriculturas e agricultores familiares que trabalha na perspectiva da agroecologia em 12 municípios da Paraíba. Está situado na região do Cariri, próximo ao sertão, e tem parcerias com importantes organizações e movimentos sociais do campo, que fortalecem suas ações. A atuação das juventudes surge a partir da sua busca por maior expressão e escuta em espaços como associações comunitárias e outros coletivos locais adultos ou intergeracionais, onde nem sempre encontrava acolhimento à participação.

O Coletivo, que hoje conta com aproximadamente 100 pessoas, atua com mulheres, populações negras, LGBTQIAP+, população do campo, integrantes de comunidades quilombolas e populações de terreiros. Suas ações se propõem a enfrentar e encontrar soluções que resolvam ou diminuam a gravidade de problemáticas presentes na realidade, local, tais como a chegada do modelo das energias renováveis no território, através dos parques eólicos, e a ausência de projetos e políticas públicas para as juventudes.

A estratégia de atuação do Coletivo é baseada no fortalecimento da base organizativa das comunidades, municípios e do território. Para isso, realiza processos de formação, a partir das experiências existentes e sempre incidindo em políticas públicas.

Outro caminho importante que é valorizado é a auto-

organização, tendo por ponto de partida as identidades das juventudes camponesas, como caminho para intensificar a luta por igualdade de direitos, incluindo a perspectiva da igualdade de direitos entre homens e mulheres, e a redução do preconceito, do racismo e da homofobia.

Uma problemática muito importante, e que sempre faz parte dos debates, é a saída das juventudes de seus territórios, muitas vezes motivadas pela falta de condições adequadas de desenvolvimento. Preocupações como esta estimulam ações que visam contribuir para a permanência do jovem no campo. Para isso, se estimula a valorização da cultura local, através da comunicação, de arte-educação, via produção de teatro, de audiovisual, de programas de rádio, oficinas de dança, música e esportes.

A comunicação entre as juventudes sempre foi forte. Inclusive foi realizada pelo grupo Cinema Nosso do Rio de Janeiro, oficinas de audiovisual, quando recebeu todo o equipamento necessário para produção de vídeos: câmeras, microfones etc. Entre os exemplos da produção audiovisual do Coletivo, um exemplo importante para conhecer o trabalho feito pelas juventudes em seu território é o vídeo [“Bicicleta Sem Rodinhas”](#) que é focado nas questões de comunicação. Além deste, destacam-se os curtas metragens: [“Logo Ali”](#) e [“Cumadi Fulozinha”](#), curtas que foram para o Rio de Janeiro, e um deles foi selecionado para ser apresentado em um festival de vídeo local, com a representação de uma das jovens da Comissão.

Realizaram-se ainda oficinas de rádio, de onde se originou o programa semanal feito pelas juventudes chamado: **“Vozes da Agroecologia”**, com alcance para vários municípios da região, e trazendo várias temáticas de interesse das famílias do campo e das juventudes.

Mas o forte deste coletivo é mesmo trabalhar com a agroecologia, na perspectiva de fortalecer e preservar o meio

ambiente, então os projetos também são orientados a este tema, enfatizando o fortalecimento de práticas de **reflorestamento**¹⁰, como, por exemplo, o projeto “Floresta no Semiárido”. Além disso, destacam ações voltadas para a coleta de sementes nativas e solidificação das práticas de agroecologia no contexto da agricultura familiar.

Outro aspecto muito importante para as juventudes do campo é a coleta multiplicação e estocagem de sementes crioulas (sementes da paixão) e espécies da Caatinga, que permitam a tanto a produção saudável e favorecedora de segurança e soberania alimentar, como o reflorestamento dos agroecossistemas familiares e da Caatinga.

Do ponto de vista da participação em espaços de articulação, o Coletivo de Juventudes está conectado com jovens que compõem os grupos de trabalho de diversas articulações da sociedade civil de âmbito estadual, regional ou mesmo nacional, que dedicam um espaço às vozes das juventudes, e que permitem, inclusive conexão com outros países da América Latina.

Atualmente uma das principais dificuldades das juventudes é o tempo disponível para realização de encontros, já que a maioria estuda e alguns trabalham em período integral. Isso influencia em uma rotatividade maior dentro do grupo, exigindo constante investimento em formação.

A mobilização é feita a partir dos processos organizativos que já existem nas comunidades, municípios e território, a partir da identificação de jovens que estão desenvolvendo experiências relacionadas às temáticas trabalhadas e que são convidados/as/es ao engajamento. Além dos encontros presenciais, a comunicação do coletivo se dá prioritariamente por WhatsApp, e as informações

¹⁰ Ação de repovoar, replantar e garantir a manutenção de espécies vegetais em que foram abandonadas, desmatadas ou onde ocorrem incêndios.

são polinizadas para um público mais amplo a partir de redes sociais como o Instagram.

CÁ ENTRE NÓS!

A agroecologia e a convivência com o semiárido são os fios condutores das causas defendidas por essas juventudes. Não mais o semiárido de terra rachada, associado à ideia de fracasso social e ambiental, mas um semiárido vivo, que também é verde, e que se mostra cada vez mais produtivo e pulsante. O grito das juventudes dessa região é pelo lugar de fala, pela participação em pé de igualdade com outros sujeitos locais, ocupando espaços estratégicos e tendo sua voz escutada e suas opiniões acolhidas. A força comunicativa está na veia e pode ser vista logo ali, ao seu alcance, nas produções audiovisuais indicadas no texto.

Para saber mais sobre esta experiência, clique e visite:

[Instagram](#)

[Youtube](#)





Cuidar da terra e da natureza também é autocuidado

A experiência do Coletivo Agentes Agroflorestais Quilombolas – AAQ

*“Nós lutamos, lutamos, dissemos que ia dar certo e até hoje estamos aqui cuidando do nosso projeto”.
Daniele Pires, AAQ*

O coletivo de jovens Agentes Agroflorestais Quilombolas (AAQ) foi criado em 2017, no Território Quilombola Santa Rosa dos Pretos, Itapecuru-Mirim, Maranhão. É formado por crianças, adolescentes e jovens, que resistem a violações de direitos humanos e ambientais, cometidas por grandes empreendimentos.

O Coletivo teve uma história difícil até sua consolidação. As juventudes narram um descrédito inicial na proposta por outros sujeitos locais, mas trazem isso como algo que fortaleceu a resistência do grupo. Como um estímulo para mostrar seus valores e seguirem firmes em suas ações.

Faz parte dos valores do Coletivo o respeito à natureza; o entendimento que mulheres e homens são desta natureza também; e a autonomia individual e coletiva, vinda da relação harmônica entre humanos e outros seres vivos. Há uma compreensão que se estes seres são respeitados, se é alimentada uma relação de harmonia entre eles, não lhes faltará vida e proteção, e não faltará ao povo alimento e qualidade de vida.

UMA MISSÃO IMPORTANTE DO COLETIVO É ATUAR NAS ESCOLAS, COMBATENDO PRECONCEITO E RACISMO, PRINCIPALMENTE CONTRA AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA. Assim, mostram a realidade, a história de sofrimento do povo negro, e convocam para lutar por direitos.

O Coletivo é estruturado de modo horizontal, conjunto e autônomo, seguindo a organização social da comunidade. Assim, anciãs, anciãos e lideranças são escutadas, em respeito a suas experiências nas lutas.

Mesmo com desafios, o Coletivo se orgulha de ter sede própria, como um dos resultados de suas lutas. Ali são planejadas e desenvolvidas ações, como as oficinas de formação política para a população do território.

Hoje, cerca de cinquenta pessoas, entre crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos interagem com as ações do Coletivo, seja no diálogo sobre problemáticas que afetam todas as pessoas, seja no que se refere às questões específicas de mulheres, das juventudes, ou da população LGBTQIAPN+.

Dentre os temas mais importantes que envolvem o trabalho do Coletivo está o enfrentamento às obras de duplicação da Rodovia Federal (BR) 135. Trata-se de uma obra de impacto, iniciada em plena pandemia da Covid-19, em 2020, que pode afetar mais de 10 mil pessoas da região. Contrariando a [Convenção 169](#) da Organização Internacional do Trabalho - OIT¹¹ a obra teve início sem consulta prévia às comunidades afetadas.

A situação do território é perigosa também para as juventudes, especialmente por sua preocupação em assegurar o respeito pela natureza, enquanto espaço que requer cuidado, como condição básica para que a população permaneça no território. Na prática essa luta é parte da busca pelo bem viver da região, bem como da sua **soberania alimentar**¹².

Dentre as atividades desenvolvidas estão culturas como: milho, do coentro, cebolinha, pimenta cheirosa, cebola, couve, além da colheita de juçara, e da confecção de artesanatos. A plantação se dá em área de **igarapé**¹³, reflorestando áreas de antigos juçarais. O plantio de macaxeira no campo comunitário também é

¹¹ Para entender mais sobre a duplicação da BR 135 veja esta referência da organização da sociedade civil Terra de Direitos. Disponível em: <https://terradedireitos.org.br/noticias/noticias/no-maranhao-maior-ameaca-vem-do-governo-federal-entenda-o-caso-da-br-135-que-afetara-quilombolas/23426>

¹² Diz respeito ao direito que têm os povos de definirem as políticas, com autonomia sobre o que produzir, para quem produzir e em que condições produzir.

uma prática tradicional da região, e ainda são produzidos salgados e bolos diversos.

Para as juventudes do Coletivo é uma alegria ver o plantio crescer, ser colhido, e com isso atender a vizinhança, além de beneficiar a produção e ver o prazer das pessoas se alimentando melhor a partir dos frutos do seu chão.

No dia a dia o Coletivo se comunica através de chats de mensagens como o WhatsApp, para diálogos seus internos, e a mobilização se dá de forma muito espontânea, seja através de solicitações para participar, ou a partir de uma inserção gradual.

CÁ ENTRE NÓS!

A resistência, a consciência ambiental e identitária se destacam na narrativa do Coletivo de Juventudes da AQQ. O exercício cotidiano de direitos se dá através da partilha e do senso de comunidade, que busca o bem estar coletivo. Os desafios enfrentados não estão isolados das lutas de tantas outras comunidades tradicionais no Brasil, também afetadas por projetos de grande impacto.

Para saber mais sobre esta experiência, clique e visite:

[Instagram](#)

¹³ Um igarapé é um curso d'água amazônico formado por um braço longo de rio, caracterizados por pouca profundidade e por correrem quase no interior da mata, muito comum na região Amazônica e arredores.

Para mostrar a força da comunicação popular

A experiência do Coletivo Força Tururu



*“A importância da nossa atuação,
é dar visibilidade positiva e ativa
para que os moradores tenham
vez e voz na nossa comunidade”*

Maria Leandra de Arruda, Coletivo Tururu

O Coletivo Força Tururu nasceu em Paulista, Região Metropolitana do Recife, Pernambuco, no ano de 2008, como parte da estratégia de juventudes locais para ampliar suas vozes, contribuindo para reverter estigmas que a comunidade acumulou ao longo do tempo. Contar a própria história pela voz da população, como caminho para fortalecer sua autoestima, é uma missão de honra para essa juventude. A comunicação popular e comunitária é estratégia central adotada para se contrapor ao massacre midiático que estigmatiza periferias.

Dentre as principais problemáticas enfrentadas, destacam-se: fragilidade na garantia do direito à moradia; impactos ambientais em função da especulação imobiliária; a fragilidade ou falta de políticas públicas; pouca consciência de moradores quanto a direitos. Fatores que além de tudo, dificultam a promoção de ações coletivas.

Uma das experiências de enfrentamento dessas problemáticas, a partir da estratégia da comunicação popular, se expressa no documentário [“Justiça, paz e vida”](#). Considerado pelas juventudes locais um marco na partilha das experiências do Coletivo Força Tururu. O filme foi fruto das formações em foto comunicação, e em comunicação popular, bem como do intercâmbio com articulações e redes locais. Merece destaque o fato de que o documentário foi premiado em 2012, pela Secretaria Nacional de Direitos Humanos do Governo Federal.

Com o tempo as ações do Coletivo Tururu se expandiram e as formações de comunicadoras e comunicadores populares chegaram a outras comunidades e territórios. A ação do Coletivo

contemplou mais de 11 comunidades na Região Metropolitana do Recife, avançando também para as cidades de Solânea, na Paraíba, e Zumbi dos Palmares em Alagoas.

Atualmente, mais de 200 pessoas se somam às ações promovidas pelo Coletivo Força Tururu. A mobilização que atrai tanta gente se dá de duas formas importantes: participação nas formações, considerando também critérios como acúmulo de experiências e o interesse em contribuir. Outra estratégia do próprio Coletivo é identificar e trazer novos participantes, fazendo-se uma apresentação do trabalho, confirmando o interesse na troca.

Dentre as atividades desenvolvidas, destacam-se a elaboração de cartilhas; ações nas escolas como as palestras sobre o enfrentamento à violência de gênero; a articulação com outros grupos; e a criação do edital “Canta Para a Vida”, que teve duas edições. Um edital voltado à música cantada por mulheres, e com alcance para toda a Região Metropolitana do Recife. O prêmio para a vencedora era um valor simbólico em dinheiro e um vídeo onde ela cantava sua música. Mesmo assim, essa iniciativa estimulou a sociabilidade, o fortalecimento da autoestima e o contato entre as mulheres, favorecendo a troca de experiências de maneira geral. O coletivo Força Tururu também se orgulha de intervenções como as oficinas de costura em comunidades, especialmente uma desenvolvida para moradores de rua, e que foi a semente para a geração de uma cooperativa.

Hoje, parte importante das lutas do Coletivo é a organização da Ocupação Floresta, situada na Mata do Tururu. Uma ocupação urbana que integra o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto - MTST, de luta por moradia. Um dos trabalhos realizados na Ocupação Floresta foi a exposição fotográfica: [“Um Tururu que talvez você não conheça”](#), que buscou mostrar para dentro e para fora a realidade da comunidade, apresentar a existência e a resistência e as necessidades de quem faz parte da ocupação, levando à comunidade a ideia de unidade, deixando a mensagem

de que tudo faz parte do Tururu, para, a partir daí, chamar atenção do poder público.

Entre outras iniciativas, a juventude do Tururu fortalece a organização de ocupações populares na comunidade; produz vídeos; participa de redes e fóruns; promove ações de incentivo à cultura e mobiliza outros sujeitos para somar à luta. TUDO ISSO PARA APONTAR SOFRIMENTOS DA POPULAÇÃO, EM DIMENSÃO DE DENÚNCIA, E DESENVOLVER PROCESSOS QUE MINIMIZEM OU RESOLVAM AS PROBLEMÁTICAS VIVIDAS.

Mas o Coletivo Força Tururu não caminha só, e traz na força da sua narrativa o reconhecimento ao apoio de diversas organizações, articulações da sociedade civil e movimentos sociais que acreditam no seu trabalho. Todavia, isso não se contrapõe ao reconhecimento de que ainda falta apoio sistemático para fortalecer dinâmicas cotidianas. Ainda é muito presente a dificuldade no acesso a recursos, influenciada pela falta de uma formalização associativa, o que é causa e consequência da impossibilidade de manter pessoas liberadas para se dedicar de modo mais intensivo ao Coletivo.

A comunicação realizada pelo Coletivo Força Tururu tem produção própria, que valoriza expertises do território e potencializa experiências individuais, no sentido de ecoar vozes e visibilizar trabalhos. Dentre as principais ferramentas utilizadas, destacam-se o “*WhatsApp*” comum no contato interno e externo, além de redes sociais diversas.

CÁ ENTRE NÓS!

O megafone é um símbolo importante do Coletivo Força Tururu, ele mostra a potência da comunicação popular para ecoar vozes na comunidade, principalmente no que diz respeito ao direito à

cidade e a luta contra preconceitos e estigmas historicamente
construídos.

Para saber mais sobre esta experiência, clique e visite:

[Blog - Coletivo Força Tururu](#)

[Facebook](#)

[Instagram](#)

[X](#)

[Youtube](#)





É preciso racializar o debate

A experiência do Coletivo Incomode

“A partir de iniciativas de incidência política, foi possível transformar o dia 20 de junho em um dia estadual contra o hiper encarceramento da juventude negra”.

Antonio Souza, Coletivo Incomode

O Coletivo Incomode foi criado em 2017, em Salvador - Bahia, a partir de estímulos gerados por um processo formativo em incidência política para juventudes promovido por organizações da sociedade civil locais e internacionais de forma conjunta. Naquela ocasião, com o apoio da Cipó Comunicação Interativa, entidade da sociedade civil atuante na capital baiana, foram garantidas as participações de representantes da Juventude Negra por Participação Política – JNPP, no subúrbio ferroviário de Salvador.

Os coletivos participantes da mencionada formação, foram incentivados a propor e executar uma ação de incidência política ligada a problemáticas vivenciadas em seus territórios ou comunidades. A ação proposta foi uma caminhada em defesa da vida das juventudes negras, denominada: “Marcha Incomode: Juventude Negra contra a opressão policial”.

A motivação para propor aquela iniciativa veio porque é no complexo do Subúrbio Ferroviário de Salvador, onde hoje o Coletivo Incomode atua, é onde estão bairros com altos índices de violência na cidade. Outro fato que justifica a ação, é que a Bahia tem a polícia mais ostensiva do país¹⁴. A partir da [Marcha Incomode](#), foi criado o Coletivo Incomode, que passa a trabalhar de modo sistemática com juventudes do Subúrbio Ferroviário, abordando violações de direitos humanos e sociais, e enfocando o enfrentamento ao racismo, o combate ao genocídio da juventude negra, e a valorização da vida. A Marcha Incomode já conta com

¹⁴ De acordo com dados da Rede e do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (USP). Saiba mais sobre o tema da letalidade negra por intervenções policiais aqui: [A cada 100 mortos pela Polícia da Bahia, 98 são | Direitos Humanos \(brasilefato.com.br\)](#)

sua quarta edição, e segue sendo realizada periodicamente até os dias de hoje.

O Coletivo Incomode envolve cerca de 200 participantes, entre jovens, adultos, mulheres, população negra, população LGBTQIAPN+, das periferias urbanas. Sua estratégia para mobilização é a de ocupar espaços políticos e de participação, como: conselhos; fóruns; redes, visibilizando suas lutas, e convocando novas pessoas.

Do ponto de vista metodológico, o Coletivo Incomode adota as bases do **Teatro do Oprimido**¹⁵, de Augusto Boal, como referência pedagógica, e se afirma orgulhoso dos retornos da comunidade, que destaca diferenças de atitudes e comportamentos de quem se permitiu ser tocado pelas reflexões produzidas.

DENTRE AS INICIATIVAS DE INCIDÊNCIA POLÍTICA, CHAMA ATENÇÃO OS PROCESSOS NA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA BAHIA, PARA MARCAR DATAS DE LUTAS IMPORTANTES. A primeira reconhecendo o dia 06 de fevereiro, data da **Chacina do Cabula**¹⁶, como dia estadual contra o genocídio da juventude negra. Não distante dessa temática, assegurou-se ainda o dia 20 de junho como data estadual contra o hiper encarceramento da juventude negra. Além disso, foram feitas ações importantes nas escolas locais, pautando o enfrentamento à violência policial.

No que toca à produção de material formativo, o Coletivo lançou duas cartilhas. A primeira orientada à população LGBTQIAP+, focada na valorização e respeito às mulheres transsexuais, cuja

¹⁵ O Teatro do Oprimido (TO) é uma metodologia criada por Augusto Boal nos anos de 1960, que pretende usar o teatro como ferramenta de trabalho político, social, ético e estético, contribuindo para a transformação social.

¹⁶ Operação ocorrida no bairro do Cabula, em Salvador - BA, em que nove policiais assassinaram 12 jovens na madrugada do dia 06 de fevereiro de 2015. Até o momento da elaboração desta publicação não havia ainda uma sentença definitiva. Essa tragédia tornou-se bandeira de luta contra o genocídio da juventude negra.

motivação veio do reconhecimento de que esta população vive em maior grau de vulnerabilidade. A cartilha, que mostra também estratégias de apoio às mulheres trans, lança luz sobre o conceito de **“Pink Money”**¹⁷, enquanto estratégia de fortalecimento da luta dessa população. Uma segunda cartilha abordou a violência contra mulheres, informando sobre ameaças do ciclo da violência, que tem início bem antes da violência física, podendo chegar ao feminicídio. Em uma narrativa que faz uso de recursos como a poesia, a cartilha destaca ainda a luta de mulheres sobreviventes.

No campo da produção audiovisual, chama atenção o documentário: **“Incomode: as dores por trás do cárcere”**, que trata da realidade de mulheres que passaram pelo sistema prisional, mas também de práticas de violência doméstica, que incluíram cárcere privado.

Apesar de tantos êxitos, e em meio às limitações trazidas pela pandemia da Covid-19, a dificuldade financeira alcança o Coletivo Incomode, dificultando ou inviabilizando a realização ou qualidade das atividades. Para as juventudes do Coletivo, as pessoas que estão à frente das iniciativas, às vezes, passam necessidades em casa, frequentemente pela falta de acesso a políticas públicas básicas, e que permitiriam ampliar a prática da participação pública.

O Coletivo Incomode também tem suas estratégias de comunicação bem definidas. Internamente, como vários outros grupos, adere à prática do WhatsApp ou mesmo o telefone. Para o diálogo com a opinião pública ou com parceiros e sujeitos interessados em suas temáticas de atuação, mantém firme a presença nas redes sociais.

¹⁷ Tradução do inglês - “dinheiro rosa” para referir-se ao capital que circula na a partir da comunidade LGBTQIAPN+.

CÁ ENTRE NÓS!

A indignação, a raiva e a angústia são molas propulsoras de coragem e resiliência para que a juventude do Coletivo Incomode organize suas formas de resistência. Nesse sentido, aqueles sentimentos se convertem em potencial criativo e mobilizador das comunidades onde atuam. Um chamado através de múltiplas ações pedagógicas e comunicativas, dão a tônica a este grupo que cada vez mais deixa sua marca nas lutas antirracistas e em defesa da vida e dos direitos da população negra das periferias em Salvador.

Para saber mais sobre esta experiência, clique e visite:

[Facebook](#)

[Instagram](#)





Nosso corpo é político

A experiência da Rede Protagonistas em Ação da Península de Itapagipe – REPROTAI

“Eu me orgulho da forma como fazemos muita coisa acontecer com poucos recursos. Apenas utilizando o talento dos demais, transformamos ‘cadeiras em foguetes’.”
Erik Bispo, Reprotai

A REPROTAI é uma rede de adolescentes e jovens que vivem na Península de Itapagipe, em Salvador-Bahia, e que foi criada em agosto de 2004 pelas juventudes que fazem parte da Associação de Moradores do Conjunto Santa Luzia; Associação Livre dos Moradores de Mangueira; Grupo de União e Consciência Negra - GRUCON e Comissão de Articulação dos Moradores da Península de Itapagipe - Rede CAMMPI. Hoje em dia a Rede conta com a participação de cerca de 100 pessoas, destas, 50 adolescentes e jovens aproximadamente, além de grupos culturais da região.

O objetivo da REPROTAI é criar mecanismos e oportunidades para que a população da Península de Itapagipe, supere desigualdades provocadas pela pobreza a que estão expostas, e tenham uma vida melhor. Nesse sentido, convocam crianças, adolescentes e jovens, mulheres, população LGBTQIAPN+ para a possibilidade do sonho, apresentando a esta população a chance de perceber caminhos possíveis, por mais difíceis que pareçam.

Trata-se de uma missão, um chamado que se propõe também a contribuir para enfrentar a violência contra meninos e meninas que se estabelece também como consequência da falta de oportunidade e das limitações geradas pela escassez de políticas públicas que viabilizem o acesso a direitos básicos como saúde e educação.

Para enfrentar os desafios que lhes são apresentados, REPROTAI forma e acompanha grupos culturais; oferece cursos gratuitos; sempre envolvendo a dimensão de cidadania. Além disso, desenvolve ações de “**advocacy**”¹⁸, monitorando e incidindo em políticas públicas para a juventude; se articulando para ampliar

ações formativas, propõe encontros de formação profissional e iniciativas orientadas à inserção no mercado de trabalho e para o fortalecimento do empreendedorismo.

Com todo esforço, a REPROTAI ainda potencializa atividades culturais que ocorrem na Península de Itapagipe, tais como o Projeto Terças Culturais, voltado para ações educativas vinculadas ao esporte, à arte, à cultura e ao lazer com adolescentes e jovens.

Por outro lado, a atuação da REPROTAI não se dá só no seu território. A busca por articulação vai além. Com essa crença foi possível vivenciar um intercâmbio cultural com uma Universidade Alemã, marcar presença na Marcha Incomode, enquanto forma de demarcar posição e valorizar eventos de juventudes, principalmente aqueles orientados à luta contra o racismo. A força da cultura também se apresenta em atividades lúdicas do calendário do território, a exemplo do desfile da troça carnavalesca “O Jegue de cueca e a Jega de calçola” que percorre as ruas da Cidade Baixa, em Salvador, um resgate de manifestação cultural de antigos carnavais que também destaca fatos e personagens dos cenários político e artístico.

De modo geral, a mobilização de participantes se dá tanto de forma espontânea, como a partir de convites feitos às populações de outras faixas etárias, valorizando o diálogo intergeracional. Para isso é possível contar com a parceria do Espaço Cultural Alagados.

A Reprotai conta com suportes importantes, de organizações da sociedade civil e associações e coletivos locais. Mesmo assim, não está livre das dificuldades relacionadas ao acesso a recursos, enquanto um elemento preocupante e desafiador para garantir o bom andamento de suas atividades.

¹⁸ Advocacy é uma expressão utilizada como sinônimo de defesa e argumentação em favor de uma causa. É um processo de reivindicação de direitos que visa influenciar na elaboração e implementação de políticas públicas que atendam às necessidades da população.

Para seus processos de interação com as pessoas participantes, A REPROTAI adota com frequência o WhatsApp, principalmente para manter atualizada a comunicação interna. Já a visibilidade e credibilidade do trabalho que desenvolve se dá a partir da exposição deste em redes sociais como Instagram, Facebook, Youtube, além de manter um blog ativo.

CÁ ENTRE NÓS!

A Reprotai é um dos muitos exemplos do grito das juventudes. Tem como marca a diversidade de ações promovidas e a energia que investe para oportunizar o engajamento comunitário, indo além das limitações impostas, e influenciando na luta por direitos e na melhoria de condições de vida de seu território para todas, todes e todos.

Para saber mais sobre esta experiência, clique e visite:

[Blog - REPROTAI](#)

[Instagram](#)

[Facebook](#)

Desafios da juventude cristã: não é tudo a mesma coisa

A experiência do Fórum de Juventude da Aliança Batista



“Compreendemos a grande importância do ecumenismo e do diálogo inter-religioso, batalhando por dignidade, a integridade, promoção da justiça para os oprimidos e fim do racismo religioso.”

Rafael Novaes e Alana Barros, Fórum de Juventudes da Aliança Batista

Para compreender melhor o universo do Fórum de Juventudes da Aliança Batista, antes é importante introduzir aqui a própria Aliança, que nasce em Maceió, Alagoas, a partir da necessidade de representar igrejas que adotam outra posição no que se refere à interpretação e à vivência do evangelho, distante da narrativa colonizadora e fundamentalista em expansão, principalmente desde a última década.

A mobilização que gerou a Aliança veio de uma convergência de lideranças batistas dos estados de Alagoas, Bahia e Pernambuco¹⁹, enquanto uma articulação ecumênica, formada por pessoas e comunidades diversas, que se identificam com as liberdades essenciais; com a livre interpretação da bíblia; a liberdade congregacional e religiosa. Dentro desse espaço as vozes das juventudes foram encontrando seus lugares e reconhecendo sua força, mas também sua necessidade de dialogar com suas próprias questões e seus posicionamentos nos demais espaços.

Entre 2018 e 2019 surge o Fórum de Juventudes da Aliança Batista, como resultado do primeiro encontro de jovens da Aliança, cujo tema foi: *“Nada por nós sem nós: juventude cristã na contramão do fundamentalismo religioso”*, um encontro marcado pelo diálogo sobre o contexto político da época e pela efervescência da extrema direita no país.

Dentro do Fórum, entre as temáticas importantes para as juventudes, destacam-se a despatriarcalização de espaços

¹⁹ Igreja Batista de Pinheiros (Maceió); Igreja Batista de Nazaré (Salvador); Igreja Batista de Bultrins (Olinda).

religiosos institucionais; os usos e abusos de poder em nome de Deus; o armamento e o extermínio da juventude negra; a bíblia “interpretada como arma”; e a responsabilidade e o papel da igreja em torno de todas essas questões.

O Fórum também fortalece o engajamento e a participação política das juventudes, a partir da ideia que a igreja é para todas as pessoas. E, por isso, deve abraçar inclusive a diversidade sexual entre gêneros em suas comunidades de fé. Nesse contexto, e dentre suas ações mais importantes, destaca-se a formação: “Fé, diversidade e política”, realizada em 2022.

No que se refere aos desafios enfrentados, um dos mais importantes é o de se posicionar **contra o cristianismo colonizador**. Um desafio cotidiano e que se apresenta de diferentes formas, convocando cada vez mais a fortalecer a dimensão coletiva da juventude para fortalecer uma narrativa libertadora e progressista.

Seja para se organizar enquanto coletivo, seja para ampliar e visibilizar suas lutas e narrativas, o Fórum adota diferentes estratégias de comunicação. Internamente, o grupo se vale de contatos virtuais, trocas cotidianas através de aplicativos de mensagens como o WhatsApp, inclusive, sempre que possível, promovendo sua interação com outros espaços da Aliança Batista. Do ponto de vista externo, as redes sociais são as grandes aliadas para divulgar seu posicionamento e conteúdos relacionados à defesa de um evangelho progressista e que caminha de mãos dadas com as causas sociais.

CÁ ENTRE NÓS!

A atuação progressista, a interpretação atualizada da bíblia, o apoio a processos de ruptura de estigmas apontados para religiões cristãs, e a desconstrução da ideia equivocada de que todas as igrejas são iguais, acolher as liberdades religiosas,

as diversidades e o respeito às identidades, são princípios e diretrizes que dão o tom do trabalho desenvolvido pelo Fórum das Juventudes da Aliança Batista.

Para saber mais sobre esta experiência, clique e visite:

[Site - Aliança Batista](#)

[Instagram](#)

[Youtube](#)

Ubuntu!

Eu sou porque nós somos

A experiência da Juventude de Terreiro da Renafro



*“A Renafro oferece a possibilidade de se entender que o SUS é uma política pública grandiosa e potente, que deve ser fortalecida sempre”.
Wicson Nunes, Juventude da Renafro*

A Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde (RENAFRO) nasce em São Luís, Maranhão, em 2003, durante o II Seminário Nacional Religiões Afro-Brasileiras e Saúde, e se propõe a trabalhar com uma população bastante ampla, sobretudo no universo do povo negro e praticante de religiões de matriz africanas.

Em suas práticas a RENAFO envolve mulheres, jovens, adultos e pessoas idosas, buscando fortalecê-las para exigir direitos, especialmente no campo da saúde, mas também para unir-se em torno do enfrentamento ao racismo, em suas múltiplas expressões. Para isso, também se articula com profissionais de saúde, gestores de diversas áreas; instituições da sociedade civil; movimento negro; além de pesquisadores que dialogam com o tema.

Hoje em dia a RENAFO atua com aproximadamente 200 participantes, e está organizada em 46 núcleos, situados em diferentes localidades do país. Isso lhes permite integrar diversos espaços de decisão de políticas públicas, principalmente de saúde, mas também em outros campos. Por exemplo: o Comitê Técnico de Saúde da População Negra do Ministério da Saúde; o Conselho Nacional de Segurança Alimentar; Conselho Nacional de Juventude; e os próprios Conselhos Municipais e Estaduais de Saúde.

No bojo das lutas assumidas pela RENAFO, está embutido também o compromisso com a luta das mulheres e seu lugar de empoderamento, em harmonia com a natureza e o planeta, compromisso esse assimilado especialmente pelas juventudes, que, por sua vez, vem atuando de forma proativa através de

promoção de processos de mobilização, iniciativas formativas e informativas na prevenção e combate às violências contra mulheres e as juventudes, realizando formações ligadas aos direitos de crianças e adolescentes, ações de sensibilização em defesa da saúde, usando estratégias e produtos de comunicação como uma ferramenta aliada em seus trabalhos.

A mobilização para convocar outros participantes a se somar na luta encabeçada pela RENAFRO, inclusive no que se refere ao papel das juventudes, se dá de diversas formas. A própria realização das atividades com públicos diretos ou indiretos já são espaços que se propõem ao convite para uma integração mais cotidiana nas ações. Nesse sentido, o contato corpo-a-corpo é bem-vindo como estratégia que ajuda a compreender melhor o papel da RENAFRO e sua importância.

Para que se conheça melhor o trabalho da RENAFRO na prática, uma possibilidade é acessar o vídeo que trata da dinâmica do cuidado no espaço dos terreiros de candomblé, intitulado: [Cuidar nos Terreiros](#), produzido pela RENAFRO em 2016. O Vídeo é uma importante ferramenta de reivindicação do direito à saúde pelos povos de terreiro, sob o enfoque para a dimensão de integralidade contida nas práticas de saúde ministrada nestes espaços, longe, portanto, de serem consideradas apenas como práticas complementares.

O Coletivo de Juventudes de Terreiro da RENAFRO sinaliza diferentes camadas de dificuldades, que vão desde o preconceito racial e religioso, até a falta de recursos materiais e financeiros para assegurar uma constância no desenvolvimento das atividades. Todavia, reconhece também contar com importantes suportes, mesmo que pontuais, de organizações da sociedade civil brasileiras, sejam de ordem orçamentária, através de fundos de apoio a projetos, seja visibilizando e fortalecendo suas ações de mobilização e incidência política. Por outro lado, mesmo enfrentando estas e outras dificuldades, as juventudes da

RENAFRO se orgulham muito da constância da luta, e de poderem se envolver nas ações realizadas ou nos espaços de participação que integram.

O incentivo à participação se dá através de contatos diretos e da mobilização online. Nesse sentido, o uso da tecnologia é muito bem-vindo, como por exemplo, o WhatsApp, enquanto ferramenta de comunicação e socialização de informações, além do Instagram.

CÁ ENTRE NÓS!

A presença da dimensão da intergeracionalidade (interações entre adultos e jovens) é trabalhada a partir da ideia de ancestralidade e respeito aos saberes tradicionais e à história de quem veio antes. As suas práticas e lutas são refletidas à luz de referências da narrativa oral e da contação de histórias.

Para saber mais sobre esta experiência, clique e visite:

[Juventude de Terreiros RENAFRO no Facebook](#)

[Facebook](#)
[Youtube](#)



Uma sobe e puxa a outra!

A experiência da Articulação Nacional de
Negras Jovens Feministas – ANJF

*“A ANJF é a primeira organização da América Latina e Caribe
a pensar no potencial de negras jovens”.*
Gilmara Santana, ANJF

A Articulação Nacional de Negras Jovens Feministas - ANJF nasceu em 2009, em Salvador, fruto do 1º Encontro de Jovens Feministas que ocorreu naquele ano, na capital baiana. Com apoio de organizações diversas, o 2º Encontro ocorreu em 2017 e reuniu mais de 400 meninas, jovens e mulheres, atuando hoje em diversos territórios, com ação consolidada no Nordeste e Sudeste, como parte de um conjunto de ações da sociedade, que são fundamentais para o fortalecimento da democracia brasileira.²⁰

Na constituição e consolidação da Articulação, um importante debate foi sobre o nome da articulação ser: **“negras jovens feministas”**. Essa escolha veio da intenção de promover uma leitura que independente da faixa etária, o lugar da identidade racial vem primeiro, trazendo essa dimensão para o centro do debate.

O propósito da ANJF foi de pensar a juventude para mulheres negras em suas diversidades, trazendo um pouco do debate do “lugar da juventude” para quem está além dos 29 anos. Essa necessidade vem da compreensão de que muitas mulheres não vivenciaram a infância e a adolescência, por conta de condições de vida difíceis, e que lhes roubaram esta possibilidade. Assim, quando elas chegam à juventude não conseguem se encontrar neste lugar.

Na articulação a luta das negras jovens e feministas é voltada para um modelo de **bem viver**²¹ para todas as juventudes. A ação desenvolvida tem uma “lógica de espelho”, em que as meninas e

²⁰ Durante o período em que esta publicação foi escrita, anunciou-se que este espaço seria desfeito. Não como um sinal de arrefecimento das lutas das jovens negras do Brasil, mas como um movimento digno e legítimo de recalcular a rota e preparar terreno para que as gerações atuais e futuras de jovens negras possam trilhar percursos mais leves, plenos de saúde e que honre as mulheres ancestrais que compuseram e compõem a luta por direitos ([veja o documento na íntegra no link: ANJF \(@anjf_br\) | Fotos e vídeos do Instagram](#)).

jovens mulheres possam se ver e se encontrar umas nas outras, sem perder de vista suas diversidades, e se enxergando em um lugar de cuidado.

Um dos pilares da ANJF é o autocuidado, que se estabelece a medida em que se criam formas de comunicação capazes de superar limitações do cotidiano para o contato presencial mais frequente. As integrantes da articulação se falam principalmente por WhatsApp, telefone, ou redes sociais.

Em relação aos materiais elaborados pela ANJF, a ideia foi que eles compusessem uma estratégia ligada aos públicos que se quer alcançar, fossem para acessar recursos, para construir parcerias, ou registrar a história da Articulação. Resultam assim em produtos simples, com linguagem acessível, e que pudessem sempre ser utilizados como estratégia de comunicação e formação em todas as etapas de sua produção. Desde a definição do formato, até a impressão, tudo visa dialogar com públicos específicos.

A ANJF FOI PIONEIRA AO PENSAR A JUVENTUDE NEGRA, ESPECIFICAMENTE NO MUNDO DE MULHERES TÃO PLURAIS. Hoje se estimula a formação política, entendida enquanto um diferencial para contribuir com a democracia do país. Então, quando o grupo se reúne, as mulheres trazem também suas articulações independentes e seus núcleos estaduais, como por exemplo, na Bahia, Paraíba e Pernambuco.

Durante a pandemia da Covid-19, graças a um com um pequeno recurso acessado, foi possível promover atividades virtuais, possibilitando às jovens o custeio da Internet, e assim garantir formações políticas.

²¹ A teoria do Bem Viver (Sumak Kawsay ou Sumak Qamaña) nasceu da prática histórica e da resistência dos povos indígenas da América Latina. É uma proposta feita pelos movimentos indígenas para todo o conjunto da sociedade.

A ANJF é um espaço político, e nesse sentido, um coletivo que pode ser acionado para fomentar grupos que querem apoio para amadurecer sua forma de fazer política. Essa ideia surgiu da percepção de que muitos coletivos têm dificuldade de pôr sua ideia no papel, pensar metodologia, estratégia de comunicação, então o grupo coloca sua experiência a serviço de fortalecer o que já existe.

Por mais que o recorte da Articulação seja de jovens mulheres, existe abertura para processos mais amplos e que envolvam outras populações. Isso se dá a partir do entendimento de que a vida das mulheres negras também é afetada quando há a interrupção de vidas indígenas, de vidas de outras pessoas negras, LGBTQIAPN+.

CÁ ENTRE NÓS!

A ANJF é este grande guarda-chuvas, que une e alinha narrativas de um projeto popular a partir do lugar de negras jovens. Traz como força das lutas o pioneirismo na ideia de associar especificidades de gênero, raça e geração.

Para saber mais sobre esta experiência, clique e visite:

[Instagram](#)

As Juventudes são diversas

A experiência da Juventude do Movimento Espírito Lilás – MEL



*“O MEL é um movimento muito importante,
principalmente num país que mata uma pessoa
LGBTQIAPN+ a cada 34 horas,
e a nossa ferramenta de luta são as histórias de superação
das pessoas!”*

Lucas Gutierrez, MEL

O Movimento Espírito Lilás - MEL, que atua na Paraíba, surgiu em 1992 e é um coletivo formado por integrantes plurais, em termos de gênero, sexualidade, classe, raça, voltado para as lutas das populações LGBTQIAPN+²², seja esta jovem e adulta ou idosa em grande parte vivendo nas periferias urbanas. Em seu objetivo, busca pautar a dignidade e os direitos humanos para esta população, através de ações multidisciplinares e interseccionais, alcançando hoje um público de aproximadamente 100 pessoas.

Para além da população LGBTQIAPN+ o MEL também vem alcançando mulheres e populações negras, independente de orientação sexual, sobretudo àquelas expostas a vulnerabilidades de renda, empregabilidade e educação. Entende-se que estas são populações também estão expostas a condições de vulnerabilidade pessoal e social, em função da falta ou debilidade de políticas públicas.

O MEL atua combatendo à **LGBTQIAPN+fobia**²³ e para isso se propõe a defender Direitos Humanos e a cidadania das populações com quem trabalha, através de ações de “advocacy”, que buscam fiscalizar e garantir a execução das políticas públicas no estado. Outra frente importante é o suporte à Parada do Orgulho LGBTQIAPN+, tanto no que diz respeito à mobilização quanto ao apoio operacional para sua realização. Já na dimensão da assistência psicossocial, é oferecido atendimento psicológico gratuito, além de ações que visem garantir segurança alimentar.

A dimensão da formação política também é muito importante no trabalho realizado pelo MEL. Atualmente, há um debate sobre

estratégias para fortalecer a mobilização e trazer cada vez mais pessoas jovens, como estratégia inclusive de continuidade e renovação da ação. Há um projeto de formação política, voltado para lideranças no estado, envolvendo três cidades do interior e a capital, João Pessoa. Outra iniciativa atravessada pelos processos formativos é a criação e fortalecimento de núcleos em diversas cidades do estado, a exemplo do Coletivo Resistir, no município de Santa Rita.

Do ponto de vista dos espaços de participação social, o MEL tem assento e realiza atividades nos conselhos de políticas públicas locais, dentre eles: o conselho de educação, e o de direitos humanos, nas esferas estadual e municipal em João Pessoa. Além disso, o MEL também estimula a formação de outros coletivos, e hoje integra o Fórum LGBTQIAPN+ paraibano.

Um exemplo de prática exitosa de incidência política foi o levantamento de pessoas LGBTQIAPN+ em situação de desemprego ou com carência alimentar. Esta ação foi ponto de partida para problematizar as condições dessa população junto ao poder público, resultando no apoio da Coordenação LGBTQIAPN+ da prefeitura municipal, inclusive garantindo a disponibilização de uma Casa de Acolhimento especializada. Ações estas que só foram possíveis porque contaram com a força de outros movimentos sociais, como: Movimento de Mulheres e o Movimento Negro.

Do ponto de vista da mobilização para novos integrantes, estes chegam via demanda espontânea, em função das necessidades de apoio que podem acessar neste espaço. Acredita-se que a principal ferramenta de mobilização para outros sujeitos, no fundo é a própria história de seus integrantes, que servem para construir vínculos e articulações. Mas há também aquelas pessoas que se

²² LGBTQIAPN+ é a sigla para designar: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Transexuais, Queer, Intersexos, Assexuais, Pansexuais e Não-binários.

²³ Consiste no ódio e repulsa por pessoas LGBTQIAPN+

aproximam a partir da realização das atividades formativas, ou pelas informações difundidas nas redes sociais.

Dentre os vários desafios vivenciados pelo MEL e pelas juventudes que integram este espaço, destacam-se dois: a escassez de recursos, e o preconceito contra pessoas que integram este coletivo, o que impacta em diversas iniciativas, como na ampliação das ações e na fragilização da mobilização para trazer participantes para integrarem este espaço. Por outro lado, reconhece-se a potência da militância, através de sinais como a capacidade de oferecer acolhimento, e a partir daí ver o empoderamento das pessoas.

CÁ ENTRE NÓS!

O MEL é um coletivo de grande importância quando se está no país que mais mata população LGBTQIAPN+ no mundo²⁴. A ampliação das demandas acabou impulsionando novas estratégias e permitiram a criação de novos e mais amplos mecanismos para apoio à população, com atenção especial a casos de sofrimento mental, utilizando estas experiências como referência para organizar práticas de incidência política para exigir direitos junto ao poder público.

Para saber mais sobre esta experiência, clique e visite:

[Instagram](#)

[Youtube](#)

²⁴ Uma pessoa é morta a cada 34 horas em função da LGBTQIAPN+fobia.

Existem espaços e vivências que nos fortalecem

A experiência do Fórum de Juventude do Grande Bom Jardim



*“Temos sempre que estar atentos à luta por nossos direitos”
Raquel Vieira, Juventude do Bom Jardim*

O Fórum de Juventude do Grande Bom Jardim, em Fortaleza, Ceará, atua na ampliação da voz de adolescentes e jovens do território, que se utilizam da arte como ponte para dialogar com seus pares sobre direitos e sobre a luta pelo acesso às políticas públicas de qualidade. Atualmente participam cerca de 200 jovens, que trabalham com mediação de conflitos em escolas, e também promovendo assistência a adolescentes e jovens, contando com apoio de psicólogos e assistentes sociais e ainda com o fortalecimento do Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza – CDVCH²⁵.

Dentre as ações desenvolvidas pelas Juventudes do Bom Jardim, destacam-se o monitoramento do Centro Cultural Grande Bom Jardim²⁶, e a promoção de atos públicos para reivindicar direitos, ou exigir reparação em caso de injustiças sociais, a exemplo da mobilização realizada em frente à Escola Santo Amaro, que teve dois alunos assassinados, em consequência da violência urbana. Uma das mais importantes atividades é o Festival das Juventudes. Durante três meses essa agenda movimenta as juventudes do Bom Jardim. Tratam-se de formações em artes e direitos humanos, além de oficinas de artesanato, fotografia e desenho.

O Fórum de juventudes realiza ainda a Marcha da Periferia, um **contraponto ao dia 07 de setembro**, uma forma de questionar que independência é essa que se celebra e expor a situação de vulnerabilidade a qual as populações periféricas estão expostas, situações de estigmatização pela população elitizada que está no entorno territorial da favela. Mas é importante dizer que mesmo com toda a fragilidade da comunidade, as juventudes se orgulham de suas origens.

Também se desenvolvem atividades orientadas à pesquisa, a última, por exemplo, foi sobre violência nas escolas. As pesquisas se propõem a incentivar o protagonismo das juventudes. Outro material elaborado em formato de cartilha foi voltado para fortalecer o debate sobre o **Projeto Político Pedagógico - PPP²⁷** das escolas.

Outra atividade, realizada em 2022 foi a Gincana **“Pega Visão - jovens pelo estado de direito”**, voltada para estudantes das escolas locais. Esta iniciativa teve como foco o combate às *“fake news”* nas escolas.

CÁ ENTRE NÓS!

Fórum de Juventude do Grande Bom Jardim se destaca pelo potencial criativo para elaboração de materiais didáticos, a sintonia com as diversas problemáticas que afetam o território onde atuam, a realização de trabalhos no ambiente escolar, tanto do ponto de vista de contar com o apoio deste equipamento público para garantir a estrutura física de suas ações, mais principalmente como porta de acesso a outras pessoas jovens, permitindo um processo de mobilização aliado às atividades desenvolvidas.

Para saber mais sobre esta experiência, clique e visite:

[Site - CDVHS](#)

[Instagram](#)

²⁵ Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza (CDVHS) é uma Organização da Sociedade Civil que surgiu em Fortaleza, CE, em 1994, fruto de um processo de mobilização das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da Área do Grande Bom Jardim, apoiando as lutas comunitárias para minimizar ou superar problemas sociais que afligiam crianças, adolescentes, homens e mulheres habitantes da Região, formada por cinco bairros periféricos de Fortaleza.

²⁶ O único Centro Cultural do Ceará voltado às periferias urbanas.

²⁷ Um documento que toda escola tem que ter, e que permite à comunidade participar da construção e decidir o que vai acontecer na escola.



Reconhecendo o valor de quem veio antes

A experiência da Juventude da Teia dos Povos da Bahia



“A Teia atua articulando várias culturas e diferentes conhecimentos, sempre em parceria com movimentos sociais importantes”

Julia Villas Boas, Teia dos Povos Ba.

A Teia dos Povos da Bahia é uma articulação que agrega adolescentes, jovens, adultos, idosos, mulheres, população negra, periferias urbanas, camponeses, indígenas, população LGBTQIAPN+ e traz no foco de suas lutas a garantia de direitos através da incidência para acesso à políticas públicas, entre outras ações que buscam a melhoria da qualidade de vida das populações, sempre numa perspectiva de respeito às tradições e culturas dos territórios envolvidos. Conta hoje com a participação de mais de 200 pessoas e sua atuação se dá a partir da realização de eventos e oficinas formativas, que sobretudo busca ampliar a participação juvenil, oportunizando que estejam em debates sobre temáticas ligadas às suas realidades.

A Teia atua articulando várias culturas e diferentes conhecimentos, sempre em parceria com outros movimentos sociais. Destaca-se entre suas principais ações a realização da Jornada de agroecologia, cuja última edição foi realizada entre os meses de janeiro e fevereiro de 2023, na comunidade pesqueira/quilombola de Conceição das Salinas, na Bahia. Nesta edição, ocorreram círculos de Diálogos sobre terra, território, águas, ancestralidade, diversidade religiosa, autonomia financeira, comunicação, soberanias e sementes Crioulas e espaços auto-organizados da Juventude, de Mulheres e Homens. Além de rodas de conversas, apresentação de trabalhos científicos e oficinas, bem como momentos sagrados e rituais dos povos.

As estratégias de comunicação utilizadas consideram muito os espaços virtuais, o WhatsApp é utilizado tanto para comunicação interna como externa, para difundir informações e mobilizar participantes de atividades. Além disso, conta-se também com o Instagram e o Twitter.

CÁ ENTRE NÓS!

A Teia dos Povos da Bahia traz em seu fazer a dimensão intergeracional, que assim como outros grupos é fortalecida pela ideia e vivência da ancestralidade, do respeito aos mais velhos e mais velhas, aos seus saberes e conhecimentos. A Jornada de Agroecologia, referenciada com orgulho pelas juventudes, é uma prática que se qualifica como algo maior que uma ação pontual, mas um momento de culminância e revisão da sua prática, fortalecimento da sua força mobilizadora e de qualificação da participação.

Para saber mais sobre esta experiência, clique e visite:

[Site - Teia dos Povos](#)

[Facebook](#)

[Instagram](#)

[X](#)

[Youtube \(Diálogo com os Povos\)](#)





Território das águas!

**A experiência da Articulação da Juventude
Pesqueira da Bahia**

*Lutamos contra o avanço da contaminação
por parte do Porto de Aratu,
em defesa dos direitos das comunidades de Ilha de Maré.
Uíne Lopes, Juventude Pesqueira*

A Articulação da Juventude Pesqueira da Bahia abrange os territórios de identidade do Recôncavo Baiano e do Baixo Sul e nasceu em 2015, fortalecida pelo Movimento dos Pescadores e Pescadoras Artesanais (MPP) da região, de forma articulada a outros movimentos sociais do campo. Seu propósito tem raiz na perspectiva de organizar a juventude e enfrentar questões centrais que envolvem ser jovem, pescador e quilombola atualmente, no Brasil e no Nordeste.

As problemáticas que motivaram essa estruturação se relacionam com a luta pela garantia de direitos trabalhistas para jovens pescadores e pescadoras, sobretudo a partir das perdas dos últimos anos, que conduz as juventudes para um mercado formal de trabalho, muitas vezes distante de suas identidades territoriais. Entre outros fatores, a Articulação também guarda uma preocupação particular com o alto índice de extermínio da juventude negra no estado da Bahia. Não menos importante, se apresenta ainda os constantes episódios de violência contra meninas e mulheres das comunidades, consequência, muitas vezes invisibilizada, pela falta de todos estes aspectos associados à fragilidade ou mesmo a falta de acesso a políticas públicas voltadas às juventudes.

É também pauta da Articulação o combate à violência sexual contra as jovens das comunidades pesqueiras, que são constantemente assediadas por funcionários de empresas, fazendas e outros empreendimentos que chegam em suas comunidades.

Dentre os compromissos que a Articulação de Juventudes Pesqueiras assumem, destaca-se a disponibilidade para **REFLETIR FORMAS DE ASSEGURAR O BEM VIVER DA POPULAÇÃO**, incluindo aspectos ligados à proteção ambiental. Além disso, a luta por direitos de pescadoras e pescadores artesanais, no sentido da redução da contaminação das águas e do meio ambiente em geral.

Para contribuir com tantos objetivos, a principal estratégia adotada é a aposta na educação, que ocorre a partir da manutenção da Escola das Águas. Este importante espaço de formação cidadã, que promove em seus conteúdos debates ligados ao antirracismo e aos direitos ambientais e das populações locais. A Escola das Águas também é o principal espaço de mobilização para atrair participações de outras pessoas, sobretudo das juventudes e lideranças locais, o que costuma ocorrer também a partir de ações pontuais, como rodas de conversas nos próprios territórios. Atualmente, cerca de 200 participantes interagem com as iniciativas desenvolvidas.

No que se refere a desafios enfrentados, a escassez de recursos que permitam uma dinâmica constante e mais qualificada das ações é um ponto chave. Some-se a isso, a falta ou fragilidade no suporte aos programas de pesquisas e defesas dos territórios, e mesmo de políticas públicas orientadas às juventudes. Ainda assim, a Articulação reconhece a força que recebe de movimentos sociais diversos e organizações da sociedade civil que fortalecem suas lutas, não só do ponto de vista material, mas especialmente político.

Do ponto de vista da comunicação, o telefone e o WhatsApp são ferramentas comumente utilizadas, principalmente para a comunicação interna. No que se refere à partilha mais ampla de conteúdos, as redes sociais são uma forte aliada das juventudes, que podem, a partir daí, disseminar conteúdos formativos e que ampliem à sociedade em geral o contato com a realidade em que vivem.

CÁ ENTRE NÓS!

O sentimento de pertencimento ao seu território, a disponibilidade para o diálogo intergeracional e a preocupação com agendas que não dizem respeito apenas às juventudes, mas a toda a população da região pesqueira do Recôncavo e do Baixo Sul da Bahia dão à tônica da ação destas juventudes. A aposta na Escola das Águas lança luz na dimensão da educação como direito e como estratégia para fomentar a adesão às lutas, a mobilização de novas participações, e um maior domínio sobre as problemáticas, incentivando à população a fazer parte também da busca por soluções para uma vida plena de direitos e dignidade.

Para saber mais sobre esta experiência, clique e visite:

[Instagram](#)

Ocupar espaços de decisão é urgente!

A experiência do Fórum de Juventudes de Pernambuco – Fojupe



“Comecei minha militância cedo, participei de ocupações escolares em 2016, e toda essa experiência me levou onde estou hoje, como coordenador do Fórum de Juventude de Pernambuco, ensinando aos jovens sobre seus direitos”.
Daniel Santos, Fojupe

O Fórum de Juventudes de Pernambuco - FOJUPE é uma articulação de âmbito estadual articulada em 2010, com a proposta de se configurar como uma rede estadual de juventudes. Neste espaço estão jovens com diversas identidades territoriais, de gênero, orientação sexual, raça e etnia, e periféricas. O FOJUPE conta cerca de 100 participantes, traz em sua luta a busca por oportunizar que cada vez mais jovens tenham consciência de seus direitos e possam lutar por eles.

O Fórum está organizado territorialmente, atuando nas quatro regiões de Pernambuco: Região Metropolitana do Recife; Sertão; Zona da Mata; e Agreste. São muitos coletivos juvenis que se somam e levam suas ideias para este espaço. A gestão se organiza através de coordenações rotativas, que geram oportunidades para que diferentes jovens ocupem este espaço estratégico e de liderança. Nesse sentido, cada coordenação dura dois anos, e depois outras pessoas ocupam este lugar, assim as forças vão se renovando constantemente.

Dentre suas atividades, o FOJUPE realiza encontros regionais de juventudes, envolvendo diferentes territórios. Nestes momentos é possível intercambiar e partilhar experiências, discutir soluções para as problemáticas apresentadas por juventudes de diferentes regiões.

O grande ato anual promovido pelo FOJUPE é o “Agosto da Juventude”, uma mobilização ampla, que vem se realizando a partir da resistência das juventudes que integram o Fórum, com diferentes tipos de apoio vindo de movimentos sociais e organizações da sociedade civil.

Em sua prática, este coletivo discute os direitos das juventudes de forma intensa, tendo por referência o que prevê o Estatuto das Juventudes ([Lei Federal 12.852/2013](#)). Dentre os temas que ganham maior evidência, destacam-se: a falta de oportunidade de trabalho para jovens; a importância do respeito e da inclusão da juventude LGBTQIAPN+; o combate ao extermínio da juventude negra, entre tantos outros. A partir destes debates, o FOJUPE contribui para o empoderamento das juventudes e para a organização dos coletivos em torno da luta por direitos.

O Fórum, porém, compreende que não é possível caminhar sozinho. Nesse sentido, a busca de parcerias é uma dinâmica constante nesta articulação. É uma forma de ampliar e fortalecer sua prática, se atualizar nas problemáticas da população jovem de Pernambuco e, ao mesmo tempo, identificar novos coletivos para participar de atividades nas quais se possa estar atualizado das problemáticas dos jovens de todo o estado.

Em seus espaços de atuação, a análise de conjuntura também é uma estratégia frequentemente adotada. A partir de uma metodologia coletiva que tanto permite e estimula maior participação, quanto favorece o acesso e o debate sobre diferentes realidades que afetam as juventudes, mais uma vez qualificando as lutas por direitos e fortalecendo articulações a partir do apoio de entidades da sociedade civil.

Tanto a comunicação interna, quanto a mobilização para a participação de novos jovens se dá através de redes sociais, de diálogos diretos, mensagens via WhatsApp e momentos coletivos virtuais ou presenciais. A mobilização corpo-a-corpo, também é um recurso bastante adotado, a medida em que se pode, com isso, aproveitar a participação em atividades realizadas por outros coletivos, para as quais o Fórum é convidado.

CÁ ENTRE NÓS!

A capilaridade territorial do FOJUPE é bastante representativa, ao considerar todas as regiões do estado, e permitir que as juventudes de diferentes territórios acessem e ampliem o conhecimento sobre suas realidades. Tal fator, além de fortalecer as lutas por direitos, promove a geração de empatia e atitude solidária entre jovens de diferentes territórios.

Para saber mais sobre esta experiência, clique e visite:

[Instagram](#)

**Essa ciranda
é coletiva!**



As variadas formas de estar no mundo das juventudes, definem também suas prioridades na vida e nas lutas, tanto em termos de temáticas e problemáticas a serem enfrentadas, quanto de suas estratégias adotadas para contribuir à transformação da realidade.

As reflexões trazidas nessa publicação, não se propõem a encerrar os debates gerados pelas experiências apresentadas. Ao contrário, se propõem a convidar os olhares de quem acessa esse material, a conhecer e refletir mais sobre atuação política e pedagógica das juventudes e seus coletivos.

Dessa forma, estruturamos esta última reflexão em quatro grandes pontos, que marcam as lutas das juventudes no Nordeste do Brasil: princípios; temas de atuação e problemáticas enfrentadas; estratégias e abordagens; e desafios e sonhos.

Entre os mais importantes princípios que consideramos fundamentais para refletir a atuação das juventudes, está o seu desejo de viver e deixar viver! Todas as lutas expressadas trazem essa marca. No Nordeste, sobretudo ao longo de sua história recente, as lutas sociais vêm sinalizando que características culturais, climáticas e ambientais, influenciam na forma de conduzir suas dinâmicas em torno da garantia de direitos e em suas formas de contribuir com uma cultura de bem viver.

Não existem temas sobre os quais as juventudes não possam atuar.

Quando a contribuição das juventudes nas lutas sociais é pensada a partir das realidades dos diferentes territórios, compreende-se que as juventudes cabem em todos os lugares! Seja nas lutas pelo direito à cidade, no combate às violências em suas mais diferentes expressões, no aprofundamento das questões climáticas e ambientais, na perspectiva da produção agrícola sustentável, no debate sobre as liberdades religiosas, na busca pelo direito à participação e ao exercício da democracia.

Então o que diferencia a participação das juventudes talvez esteja exatamente na forma de fazer as lutas acontecerem. É quando se dialoga sobre estratégias de ação que se apresentam, com mais evidências, as características de juventudes nordestinas. Neste sentido, a capacidade de se indignar diante das violações de direito é tamanha, que se converte em potência criativa para inspirar iniciativas dos coletivos, e daí surgem caminhos muito próprios.

Um destes caminhos é a disposição para os diálogos intergeracionais, que aparecem a partir de argumentos distintos; desde referências a tradições histórico-culturais de seus territórios, comum para juventudes indígenas, ou vinculadas a comunidades de religiões de matriz africana, em uma vivência conectada com dimensões ancestrais, que convocam ao aprendizado com as experiências das mais velhas e dos mais velhos. Mas também pela via da disputa por espaço em ambientes culturalmente pensados para serem ocupados por adultos, como espaços associativos mais formais, ou ou ainda em relações que se estabelecem a partir de apoios e da credibilidade ofertada por movimentos sociais e organizações da sociedade civil.

Mas se a intergeracionalidade é uma estratégia potente, ela não conflitua com os momentos em que as juventudes entendem ser importante interagir entre pares, promovendo dinâmicas de mobilização ou mesmo práticas formativas horizontais, geradoras de um potencial sensibilizador a partir da afinidade ou da empatia.

No que concerne às linguagens e abordagens metodológicas a educomunicação e a comunicação popular são aliadas potentes das juventudes, que se desafiam à produção de conteúdo a partir dos materiais disponíveis, visando dar maior amplitude a suas reivindicações. Nesse sentido, se valem da produção audiovisual e radiofônica, através de vídeos, podcasts, programas de rádio; da criação de fanzines; e da gestão de canais em redes sociais.

As juventudes têm uma longa caminhada, seja no fazer o presente, seja na construção de um legado, já que esta identidade geracional é transitória, e logo terão que passar o bastão para quem hoje ainda é criança ou adolescente.

Dentre os principais desafios manifestados três focos chamam a atenção: a falta ou fragilidade de políticas públicas básicas e também especificamente orientadas para a população jovem; o preconceito estabelecido, tanto na perspectiva geracional, quanto em decorrência das outras identidades que permeiam estas juventudes – étnico-raciais, de gênero, território ou orientação sexual; quanto a falta de credibilidade, decorrente de um imaginário generalista sobre as juventudes, com pouca valorização de seus potenciais.

Por outro lado, o apoio de movimentos sociais e organizações e articulações da sociedade civil, ainda que referenciado como não sendo suficiente e podendo ser ampliado, é também reconhecido como um apoio cada vez mais fundamental para fortalecer a autonomia dos movimentos de juventudes e romper estigmas e estereótipos, virando cada vez mais a chave quanto à potência de seu papel na transformação da sociedade.

Os coletivos e organizações juvenis são espaços fundamentais na renovação das lutas, na formação de lideranças e como forças comunicadoras de ideias, de potencial crítico e de consciência coletiva.

São muitos os desafios e há muito por fazer para realizar sonhos como o de viver em um meio ambiente equilibrado, com políticas públicas garantidas, com uma juventude de ideias acolhidas no debate público, exercendo seu direito à participação, princípio fundamental em uma sociedade democrática.

A juventude sonha e faz dos seus sonhos suas lutas!



Dka Austria

Brot
für die Welt